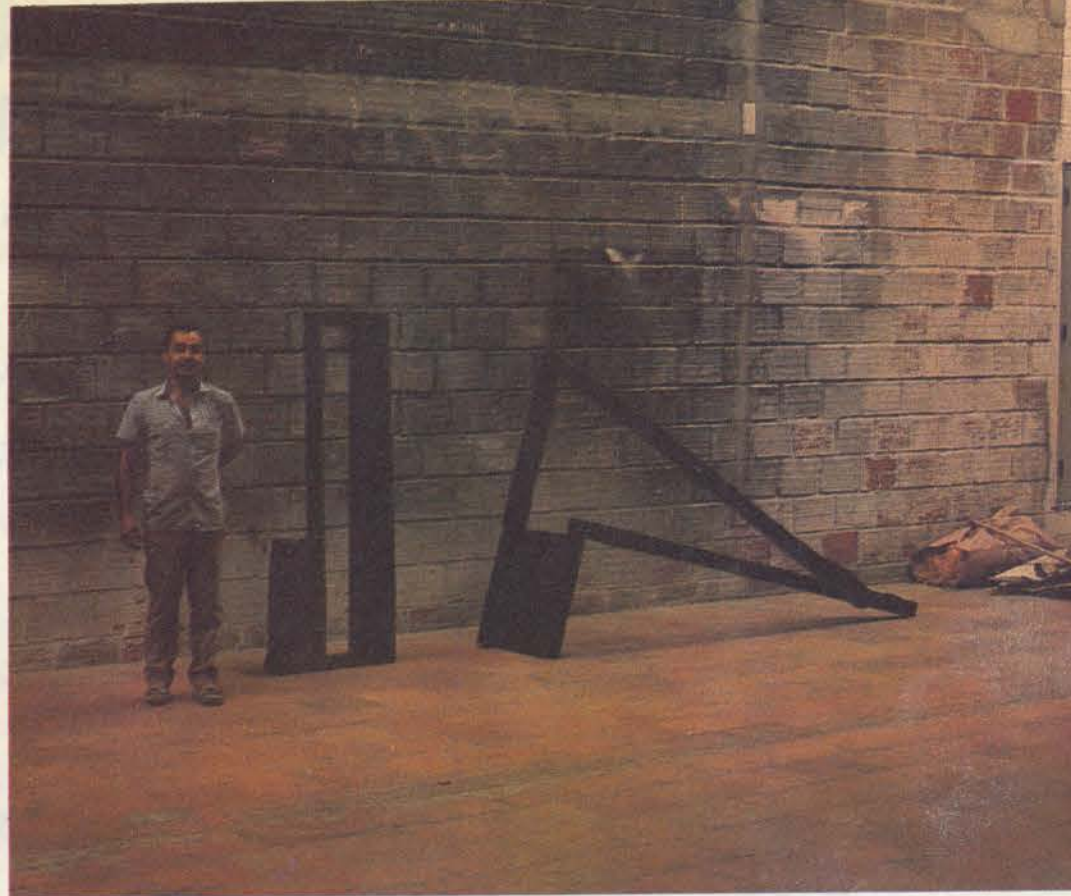
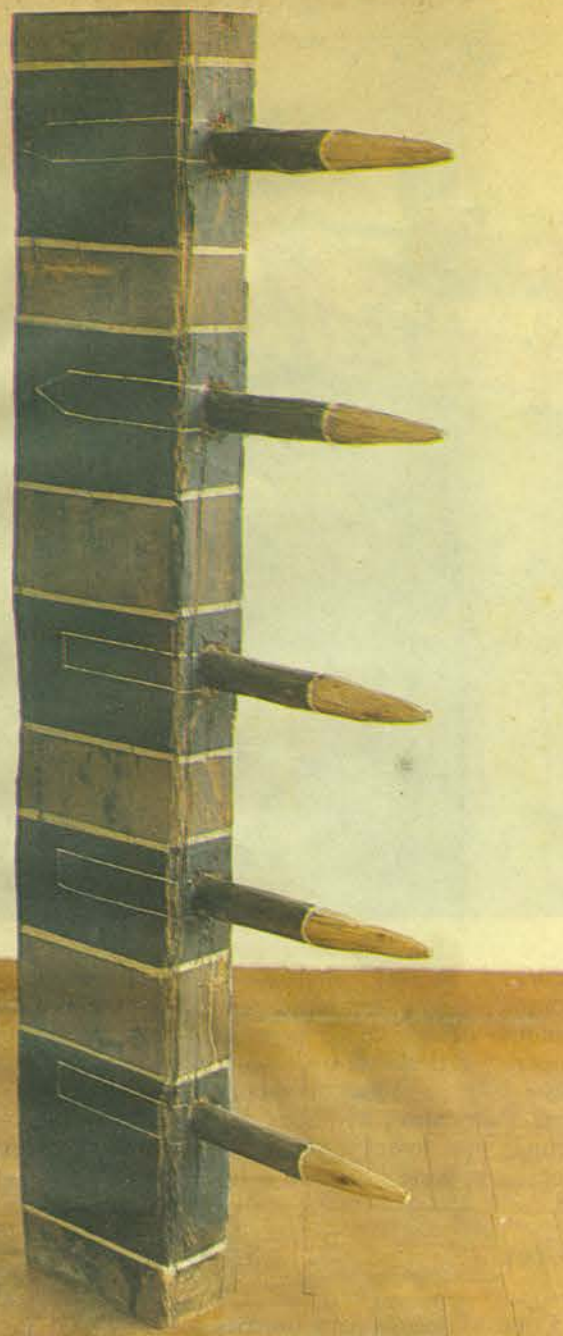


NOVO SÉCULO ENTRA EM MADRID



Vitor dos Reis: «Ascensus et inflamatus»

Rocha Pinto: «afogando os sentidos com aromas»

Delgado: a inovação da pintura/objecto

Barroco: um enraizamento profundo no quotidiano urbano

Luís Cruz: a revelação de 87 na escultura portuguesa



DESDE o passado dia 11 e até à próxima terça-feira decorre em Madrid a ARCO 88, nome por que é conhecida a Feira Internacional de Arte Contemporânea, o maior acontecimento anual da arte espanhola e uma etapa imprescindível no circuito internacional de mercados de arte.

De grande importância para o mercado português de arte, dado que mais uma vez Portugal ali está representado com um número interessante de galerias, além de ali acorrerem centenas de pessoas ligadas ao nosso meio artístico, a ARCO congrega neste momento também os desejos de aqui, em Lisboa, se vir a realizar um certame semelhante, mas que só valerá a pena se conseguir ser muito superior.

Por ser a mais experimental de todas as galerias portuguesas que ali se deslocam, a Novo Século merece realmente um lugar à parte, até porque é também a que tem actualmente mais dificuldades, sendo a sua presença o produto de muita vontade e perseverança.

Apresentando pintura — de Carlos Barroco, Romualdo, Rocha Pinto, Vitor dos Reis e A. Caseirão — pintura/objecto de António Delgado e escultura de Luís Cruz, a Novo Século cumpre da melhor maneira um percurso que começou há dois anos na maior das modéstias, mas também na melhor das dignidades.

Experimentalismo

Revelação em 1987 no campo da escultura, em Portugal, Luís Cruz, com as suas ardósias de Valongo, apresenta-se na ARCO 88 com o seu melhor de «Fogo e chamas», que em Outubro passado fez furor no bonito espaço da Rua do Século.

António Delgado, por sua vez, apresenta-se com algumas das suas pinturas-objectos que têm tanto de inovador como de insólito, funcionando a nível de criação e invenção de uma forma completamente conseguida.

Por outro lado, Romualdo e A. Caseirão, conservando o que de melhor tem o experimentalismo com fim em si próprio, conservam nas suas obras uma fres-

cura inigualável, porque não são produto de espontaneidade nem de ingenuidade, mas sim de uma atitude deliberada e consciente.

Rocha Pinto, que não só na ARCO mas também na Novo Século, em Lisboa, apresenta actualmente as suas telas gigantes que integraram em conjunto a mostra «Primeiros Indícios de Ruptura», leva a Madrid uma representação exuberante de luz e cor, onde um certo gestualismo está nitidamente a transbordar, muito perto, como o título genérico da exposição salienta, da «ruptura».

Coroando a representação, Carlos Barroco, o responsável da Novo Século, apresenta, por seu lado, uma pintura que, como afirmou José Sousa Machado, reflecte este sentimento de liberdade e desapego e nasce de um enraizamento profundo e pessoal no quotidiano urbano, cimentando-se numa prática artística muito diversificada envolvendo a utilização de meios tão diferentes como a fotografia, o show multimédia a moda e a pintura.

Rodrigues Vaz